

TEOLOGIA E MODERNIDADE: O DIÁLOGO PELO AVESSO

No âmbito eclesial latino-americano vive-se, hoje, uma situação emblemática: muitas Igrejas conseguiram estabelecer um diálogo com as populações marginalizadas mas mostraram-se incapazes de dialogar com o mundo moderno. Impotentes, despreparadas ou talvez, por opção, acabam por silenciar diante da cultura moderno-contemporânea.

Sem dúvida nenhuma, o desafio colocado pela modernidade às Igrejas traz no seu bojo angústia e esperanças que exigem respostas muitas vezes imediatas. Entretanto, recusar o diálogo, teologicamente falando, seria admitir, pela primeira vez, a impossibilidade de um diálogo entre fé e uma cultura.

Num primeiro momento, procuraremos descrever a modernidade, insistindo na sua dimensão antropológica e sublinhando, ainda, suas tensões. A seguir, olhar-se-á para as relações entre teologia e modernidade e para as exigências do fazer teologia hoje. Finalmente, depois de constatar os deslocamentos ocorridos na reflexão teológica, apontaremos para o diálogo iniciado entre teologia e modernidade.

1. A MODERNIDADE

Este mundo planetizado, interdependente, pluralista, polarizado e em rápidas transformações é fruto de um **processo de modernização**. As raízes deste processo transformador encontram-se no crescente acervo de conhecimento dinamicamente traduzido em tecnologia. O resultado, o núcleo central, o complexo de características que dele decorre, chama-se **modernidade**.

1.1 Olhar antropológico sobre a modernidade

A modernidade, ao privilegiar a liberdade de escolhas e decisões, questionou profundamente o sistema tradicional de valores

individuais e desencadeou um vigoroso processo de transformações. O padrão estático e repetitivo da sociedade pré-moderna, com seus níveis e funções asseguradas e estáveis e, portanto, previsíveis, tem pouco espaço no quadro da sociedade moderna.

Na modernidade, o indivíduo assume o onus das opções e **isso tornou-se possível graças ao resgate da subjetividade**. O ser humano torna-se sujeito de si mesmo e da história. Na modernidade, o ser humano emerge como subjetividade, sujeito autônomo de sua própria vida e construtor da história. Superando a passividade, a visão antropocêntrica passa a compreender o ser humano como alguém que se auto-constrói, construindo.

A subjetividade aponta para dois dados importantes da modernidade: a ciência moderna e a liberdade. Dois elementos fundamentais estão na base da ciência moderna: a indagação experimental, indutiva e empírica e a reflexão racional, dedutiva e hipotética.

Dentro do processo científico os dois elementos tem importância, mas a formulação racional é parte essencial da construção científica, na ciência moderna. O desenvolvimento surpreendente das ciências naturais, da técnica e do método experimental acabaram escondendo o valor da formulação racional.

A intervenção da razão para a formulação de hipóteses comprováveis ou retificáveis pela experiência ou, ainda, para dar aos fatos uma significação determinada, mostra ser ela essencial ao processo científico. A adequada combinação entre razão e experiência conferiu a ciência moderna um poder extraordinário. Se o ser humano não produz o mundo como ser físico, ele, o produz como objeto de seu pensamento.

Outro dado é a liberdade, o ser humano se construindo na história como ser livre. A modernidade distancia-se de uma experiência de liberdade condicionada á hierarquia, liberdade "*vertical*".

A modernidade, ao mesmo tempo que alija esta forma de liberdade, proclama a experiência de liberdade como autonomia e igualdade. A afirmação de si mesmo tem como corolário a saída da ordem hierárquica. Ela pode acontecer na ordem econômica, produção de bens próprios, na ordem política, na opção democrática e na ordem cultural, no pensamento autônomo.

Se o mundo antigo era um mundo "*já dado*", o moderno é um mundo "*a ser produzido*". Ao acompanhar esse processo de produção podemos perceber outros traços da modernidade. A modernidade, no seu aspecto mais público, é uma história de lutas contra as instituições hierárquicas e autoritárias, contra os determinismos naturais.

Nela, o trabalho tem um lugar privilegiado, uma vez que possibilita o surgimento de uma nova ordem econômica. A ação

produtiva é a ação por excelência. Com o trabalho, o ser humano se distancia cada vez mais dos ciclos e dos determinismos da natureza.

Esta breve descrição traz implícito um convite a considerarmos a modernidade como uma realidade cultural. Realidade cultural precisamente porque toca o substrato profundo do ser humano. Ela já se faz presente e exerce um impacto sobre o todo das sociedades e das instituições. Ela desencadeia uma convulsão axiológica, ao introjetar nas sociedades sentidos, valores e paradigmas de ação ou comunicação. A ampla aceitação destes valores está ligada à possibilidade que abrem para a realização humana.

Como realidade cultural, a modernidade vem desencadeando processos dinâmicos e duráveis que impactam as sociedades. Esses processos não são lineares ou homogêneos, pois, se fazem de rupturas de modelos e saltos qualitativos profundos. Portadores de um forte dinamismo tendem a mudanças contínuas.

Já se vê por aí que a modernidade como cultura não é um bloco sistêmico organicamente articulado; é produto nunca terminado de uma evolução histórico-cultural extremamente complexa, ao que parece irreversível. De modo fragmentário e assistemático estas mudanças vinham sendo vividas no dia a dia.

1.2. Momento paradoxal: crises e desafios

O tempo parece ter sido nefasto á modernidade. Conseguiu ela realizar os seus projetos ou ficou no meio do caminho? Por que se fala, hoje, em “*pós-modernidade*”? Por reação ao processo de modernidade, por crítica ou pela retomada dos ideais esquecidos pela modernidade?

Há um consenso no diagnóstico do momento histórico: momento de crise profunda. A crise poderia ser caracterizada como histórica, uma vez que implica um choque de valores que provoca ruptura no ethos culturalmente transmitido. Os analistas apontam o exacerbado individualismo, que elimina diferentes formas de solidariedade e comunhão, como uma das principais características dessa crise. “...o individualismo se tornou uma espécie de “logomarca” do esquema conceitual da modernidade”.¹

Os desejos, expectativas, interesses e necessidades são compreendidos utilitaristicamente. Absolutiza-se a auto-realização e relegam-se, para níveis insignificantes, questões básicas da sociedade. Sensível ao interesse dos indivíduos, a sociedade organiza-se num sistema integrado capaz de atendê-lo. Tudo é orientado para garantir a realização do indivíduo, desde o sistema educacional até a própria organização do espaço urbano.

1. Marcelo PERINI, *A modernidade e sua crise. Em SÍNTESE (nova fase) 19 (1992, nº 57), p. 169.*

Assim, o processo de produção gradualmente e inexoravelmente articulou-se em função do primado do indivíduo e não em função das necessidades reais da coletividade. Delegou-se ingenuamente ao mercado a função de dar uma destinação humana ao processo, esquecendo-se de que ele só é sensível às necessidades que se mediatizam pelo poder aquisitivo. Ora, esquecer que as regras do mercado exigem inúmeras medidas para garantir o interesse público e a redução das desigualdades é deixar atuarem cegamente os interesses econômicos.

O mercado em poucos anos, ampliou e consolidou as desigualdades entre as classes e entre as pessoas. Assistimos hoje ao espetáculo vergonhoso da criação de bolsões de pobreza no meio da opulência. O individualismo exacerbado torna pessoas, classes e povos insensíveis ao consumo de subsistência da maioria da humanidade. A tensão social gerada por esta situação é altamente explosiva. As populações, especialmente dos países periféricos, são solicitadas a elevarem seus padrões de consumo, como condição de prestígio e de sucesso, mas estão imobilizadas pela falta de um mínimo de poder aquisitivo.

Essa atuação cega do mercado acaba colocando em perigo as democracias políticas. Ainda mais quando se sabe que o processo tem um dinamismo próprio: a permanente transferência de renda das classes pobres para as mais ricas. O Estado vai se apagando diante dos interesses econômicos privados, sejam eles nacionais ou internacionais. O sinal evidente desse movimento está nos cortes drásticos no orçamento destinado ao setor público e na conseqüente deterioração dos serviços.

No Brasil, temos visto um Estado atento ao bem estar de pequena parcela da população, enquanto a grande maioria é relegada a níveis de sobrevivência. Os milhões de aposentados postos à míngua pelo tratamento desumano e inconstitucional que lhes dá a política econômica, estão aí para confirmar.

A mesma equipe econômica que ordena parcelar reajustes insignificantes para assalariados e aposentados, não tem o mínimo pudor em distribuir benesses descomunais a especuladores e banqueiros nacionais e internacionais.

A queda do nível de vida, a falta de representatividade política, a marginalização lenta e gradual de milhões de pessoas acabam tornando a democracia que é o regime representativo da cidadania livre num conceito cada vez mais abstrato. A impossibilidade de defesa de interesses no quadro das instituições representativas abre caminho para a violência generalizada.

As conseqüências práticas no nível econômico, social e político do individualismo, cada vez mais difuso, acabam criando condições para o questionamento da mentalidade particularista e para a tomada de consciência da carência de princípios éticos

e da profunda crise de motivação da vida, isto é, uma crise de sentido. Nesse quadro, a constatação dos efeitos perversos da necessidade social tem, como contraponto uma maior consciência da necessidade de defender os direitos humanos.

Esse momento paradoxal abre desafios para toda a humanidade e empenha todas as áreas de conhecimento, na busca de soluções alternativas.

2. TEOLOGIA E MODERNIDADE

A resistência da teologia às mudanças provocadas pela modernidade pode ser vista como natural e até esperada, pois, o mundo pré-moderno da cristandade organizava-se em torno do religioso. A teologia era então o suporte intelectual e ideológico das relações e estruturas humanas.

2.1. Da tensão ao diálogo

Uma das conseqüências mais diretas da modernidade sobre o processo de conhecimento foi a secularização. “*Secularização é a busca de explicações racionais para os fenômenos naturais e o predomínio da imanência sobre a transcendência*”.² Assim, a imanência enquanto autonomia das realidades terrestres é convertida em fonte de explicação e valor. O resultado é o “*exílio do sagrado*”, da experiência religiosa e da teologia. O espaço religioso desmorona-se, dando cada vez mais lugar às realidades seculares e profanas.

2. Marcello de C. AZEVEDO, *Modernidade e cristianismo: o desafio da inculturação*, p. 63.

Na perspectiva antropológico-cultural, o que caracteriza a secularização na cultura moderna é o trazer ela consigo, a fragmentação da homogeneidade de sentidos e valores do contexto cultural pré-moderno, no qual se afirma o predomínio ou mesmo a hegemonia do universo religioso ou mítico.

No contexto pré-moderno, a preocupação fundamental da reflexão teológica era o conhecimento de Deus e de sua natureza. Desse patamar partia-se para conhecer a natureza do homem e do mundo. As conseqüências desse modo de pensar e fazer teologia são conhecidos: o esquecimento do ser humano e de sua história. A linguagem abstrata sobre Deus, utilizada pela reflexão teológica, ampliava ainda mais a distância entre o divino e o humano.

A relação entre a modernidade e a teologia desenvolveu-se dentro de binómio questionamento e rejeição. Contestada pela modernidade, a teologia rejeitou-a como sendo contra Deus e contra as verdades imutáveis da fé. Todo o século passado e o início do atual presenciou essa relação conflitiva. Já a segunda metade do nosso século conheceu, concretamente, uma atitu-

de mais positiva por parte da reflexão teológica diante da modernidade.

Percebeu-se que não era possível continuar rejeitando a modernidade "*tout court*". A teologia continuou criticando muitas das vertentes da modernidade mas passou a reconhecer valores presentes no processo de modernização.

Essa atitude tem uma longa pré-história: inúmeros movimentos teológicos e pastorais nascidos, em resposta a exigência encarnatória da mensagem evangélica procuraram estabelecer o diálogo com o mundo moderno. Esse fato, somado à crise da modernidade, acaba abrindo um amplo espaço para a reflexão teológica no momento atual.

Frente ao universalizante processo de reificação tanto de Deus como do ser humano, a teologia tem condições de radicalizar as grandes questões e problemas que marcam o aparecimento dos tempos modernos. Para compreender tal tarefa, ela não pode deixar de ser antropológica.

2.2. Antropologia: lugar da teologia

Falar de teologia é situar-se no cerne da existência humana, mas a evolução da teologia fez com que essa perspectiva se perdesse de vista, pouco a pouco. O ser humano, transformado em ouvinte passivo, sentia-se inibido no diálogo com Deus, diálogo que se concretiza através da história, uma vez que é nela que Deus se revela.

A resposta à revelação de Deus se dá também na história. Tanto a revelação como a teologia andam pelos caminhos sólidos das realidades concretas. Este retorno às realidades do conflito humano, evitando os caminhos da especulação infecunda, deu-se lentamente. Pela vertente das ciências da natureza e das ciências humanas, uma nova compreensão do ser humano foi sendo gestada nos tempos modernos. O ser humano foi compreendido integralmente e inserido numa história dinâmica. Esta visão questionou e influenciou a teologia, possibilitando à mesma o resgate de uma antropologia unitária.

O ser humano recomeçou a ser visto na sua realidade una e total de corpo e alma, de espírito e carne e de indivíduo e pessoa. Situado na história, começa a ser entendido dentro de um contexto relacional com os outros seres humanos. O resultado imediato está na superação da visão tradicional e estática da história e da sociedade. Homens e mulheres inseridos na história tem responsabilidades na construção da história e na própria construção pessoal.

Esta aproximação de perspectiva entre a antropologia e a teologia possibilita a formulação da questão fundamental: como explicar o mistério do ser humano?

A busca dessa possível e progressiva compreensão do ser humano tem no fato da encarnação ou hominização de Deus um horizonte surpreendente. O lugar adequado para o resgate da relação entre teologia e antropologia é a “*crístologia*”: a ressurreição de Jesus Cristo que revela aquilo que, desde o início, é o centro do desígnio salvífico de Deus, isto é, a plenitude do ser humano.

Aí temos a indicação clara de que a teologia deve tornar-se uma antropologia teológica. Só assim ela preservará sua mais autêntica tradição, relembrando a entrega do Filho de Deus encarnado que continua entregando-se a cada pessoa humana.³ Só uma teologia que procure explicitar essa sabedoria do amor sempre atual de Deus à humanidade estará em condições de dialogar com a Modernidade. Esta percepção está na raiz do deslocamento do problema teológico na Idade Moderna o qual se move em direção ao homem e à sociedade política. As teologias cristãs, ao substituírem por categorias de uma ontologia social e política as categorias da ontologia aristotélica da natureza, de que, se alimentaram no passado, apenas confirmam o fato.

Para ilustrar um pouco mais amplamente essas considerações finais, apresentaremos o “*fazer teologia latino-americano*”. Este operou um saudável retorno ao real, inseriu a revelação em pleno coração da história humana, tal como se desenrola hoje em dia, e tentou acompanhar homens e mulheres no esforço quase desesperado por solucionar os problemas que se multiplicam diante deles.

2.3. Deslocamentos da reflexão teológica

O solo natural da teologia é a experiência de fé que se fez vida. Nesta experiência a reflexão teológica deita suas raízes. A reflexão teológica realizou nos últimos anos inúmeros deslocamentos. O teólogo Yves Congar diz: *A situação teológica, o próprio conceito de trabalho teológico tem sofrido variações em um quarto de século*.⁴

A diversidade de suas funções ao longo da história não permite que ela abandone sua intenção maior de ser inteligência da fé. A inteligência da fé começa a impor-se também, em nossos dias, seguindo pistas inéditas, outras funções. Assim, as funções tradicionais e permanentes da teologia como sabedoria e saber racional, acrescenta-se a da reflexão crítica da práxis histórica à luz da palavra.

Essa perspectiva crítica, tendo como ponto de partida e contexto a práxis histórica, traz em seu âmago uma revisão das funções tradicionais. Para ela, o ato primeiro é o compromisso

3. Ver o sugestivo artigo de Ulpiano VASQUEZ, *Teología e antropologia: aliança ou conflito?* Em *PERSPECTIVA TEOLÓGICA* 23 (1994), p. 163-174.

4. y.m. CONGAR, *Situación y tareas de la teología hoy*, p. 15.

com o processo de transformação e de mudança. A reflexão teológica vem depois, como ato segundo e como reflexão crítica desde e sobre a práxis histórica em confrontação com a palavra do Senhor, vivida e aceita na fé.

Esta primeira e vertebral intuição antecipa já o método: **tentativa de articular teoria e práxis**. Desta perspectiva, a teologia aborda criativamente e criticamente os temas centrais da fé com a intenção de repensar a totalidade da mensagem num esforço solidário com a transformação de uma realidade inumana.

Nas palavras de Gustavo Gutierrez: "*teologia que não se limita a pensar o mundo, mas procura situar-se como um momento do processo através do qual o mundo é transformado*".⁵ A partir das solicitações e desafios da realidade vivida no concreto, conhecida através das mediações socio-analíticas das ciências, sob o enfoque da visão hermenêutica da Palavra de Deus emerge o saber teológico, que visa transformar a realidade nos moldes do plano de Deus.

Convém lembrar três elementos essenciais para o exato entendimento do deslocamento teológico ocorrido de modo particular na teologia latino-americana. São eles: a questão do "*contexto*" a partir do qual percebe-se uma teologia enraizada no passado conciliar, atenta aos tradicionais "*sinais dos tempos*", visando um futuro novo e desafiador: a questão da *tradição* que coloca a temática do pluralismo teológico e, finalmente a questão do "*método*".

As palavras de Paulo VI podem introduzir-nos na questão epistemológica: *para conhecer o homem é necessário conhecer a Deus e para conhecer a Deus é necessário conhecer o homem*. Estamos diante de uma "*circularidade hermenêutica*", onde os termos condicionam-se mutuamente.

O assim chamado "*círculo hermenêutico*", torna-se então, o método utilizado pela teologia para interpretar, ao mesmo tempo, a realidade e a Palavra de Deus. Nesse trabalho a referência à "Palavra de Deus" é fundante, só que o teólogo estará sempre comprometido com a realidade, quer queira quer não.

Ao acompanhar a reflexão teológica feita no continente Latino-americano pode-se afirmar que há um **modo latino-americano de fazer teologia**, uma vez que ela é tomada como modo de pensar a fé e não como conjunto articulado de idéias, dotadas de vida própria independente das condições sociais em que é produzida. Teologia encarnada e inculturada numa sociedade conflitiva, empobrecida e pluricultural. A teologia latino-americana, não entendendo de modo reducionista a libertação, não separa a libertação sócio-política, libertação histórica e libertação redentora salvífica.

5. G. GUTIERREZ, *Teologia da libertação*, p. 27.

Daí, ter iniciado o diálogo com a modernidade tendo como ponto de partida o “*avesso*” da mesma modernidade. Ela quer dar voz e vez a todos aqueles que foram marginalizados pela modernidade seja a nível econômico, político ou cultural. As teólogas e os teólogos latino-americanos têm consciência de que a eterna novidade da interrogação evangélica está intimamente ligada com a prática do Ágape.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

1. AAVV., *Fé, Política e Cultura*. Desafios atuais. São Paulo, Paulinas, 1991.
2. AZEVEDO, Marcello de C., *Comunidades Eclesiais de Base e inculturação*, São Paulo, Loyola, 1988.
3. ———, *Modernidade e Cristianismo*. O desafio da inculturação. São Paulo, Loyola, 1981.
4. ———, *Opção pelos pobres e cultura secular*. Em *SÍNTESE* 1982, nº 26, pp. 11-24.
5. CÓNGAR, Yves J-M., *Situación y Tareas de la Teología hoy*. Salamanca, Sígueme, 1971.
6. GEFFRÉ, Claude., *Como fazer Teologia hoje*. Hermenêutica Teológica, São Paulo, Paulinas, 1989.
7. GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*, Petrópolis, Vozes, 1975.
8. SUSIN, L., *Modernidade: a face e a máscara*, Em *CADERNOS DO ESTEF* nº 7 (1991), pp 3-17.
9. VAZ, H. C. de Lima. *Teologia Medieval e Cultura Moderna*. Em *SÍNTESE* 1979, nº 17, pp. 3-17.
10. ———, *Religião e Sociedade nos últimos vinte anos (1965-1985)*, Em *SÍNTESE* nº 42 1988, pp. 163-174.

Enio José da Costa Brito
Professor do Departamento de Teologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

